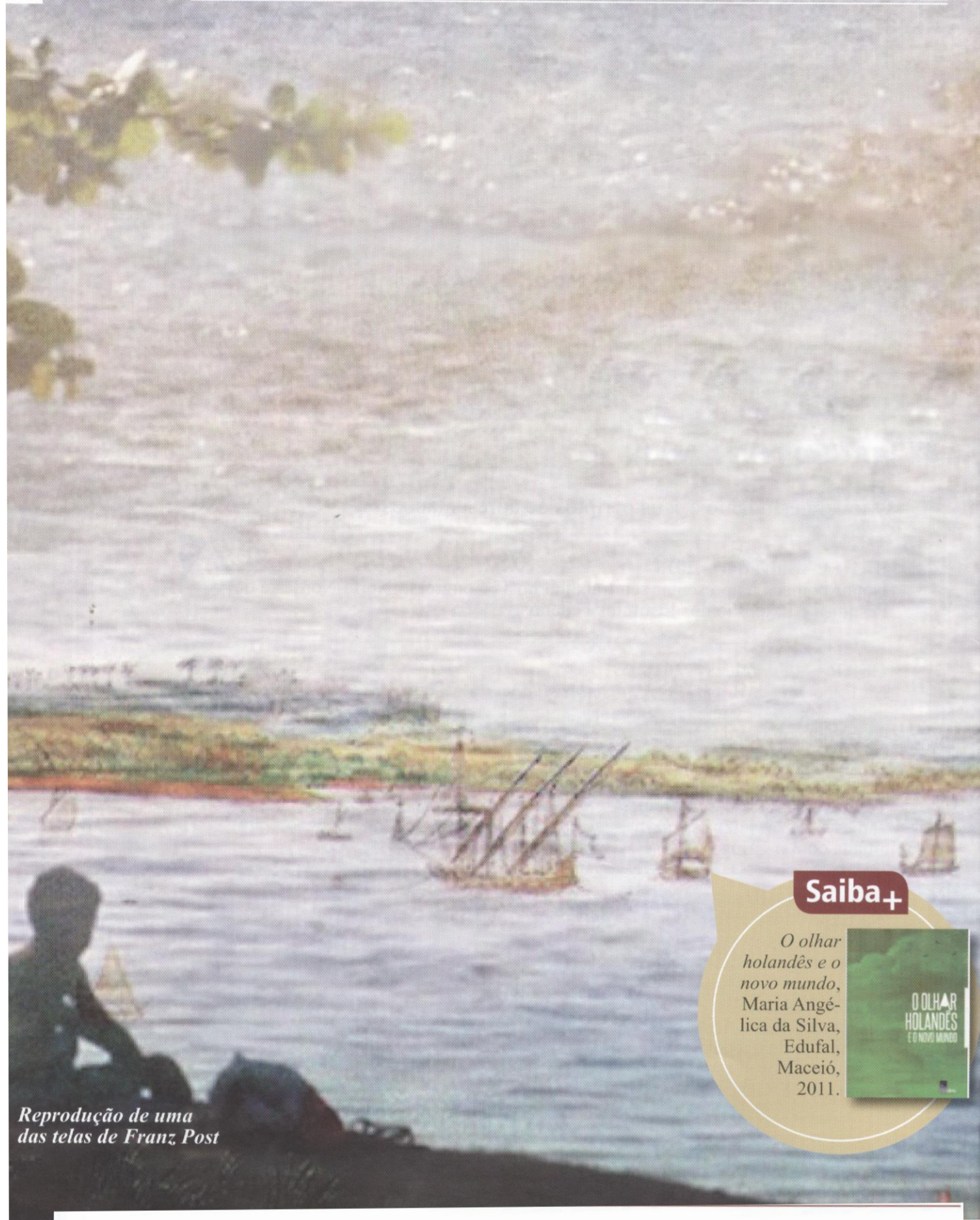


HISTÓRIA



Reprodução de uma das telas de Franz Post

Saiba+

O olhar holandês e o novo mundo, Maria Angélica da Silva, Edufal, Maceió, 2011.



“Não acreditaria nestas maravilhas se não as contemplasse”

Assim escreveu, “pasmado”, em 1637, o conde Maurício de Nassau durante viagem entre as vilas alagoanas de Porto Calvo e Penedo. É com esse mesmo olhar que o documentário *Entre Céus* nos convida a enxergar nossa história e cultura.

por FABIANO MELO QUIRINO • arte HYLLANE SALGUEIRO

Entre 1630 e 1654 os holandeses tiveram aqui no nordeste uma colônia chamada Nova Holanda, ou Brasil Holandês, que ocupou grande parte da região. Lendo os deliciosos relatos a respeito desse fascinante período de nossa história, é difícil conter o desejo de especular: se os integrantes da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais não tivessem sido expulsos pelos portugueses, teria o Brasil hoje uma província holandesa tal qual o Canadá tem uma francesa, a de Quebec? Ou quem sabe nossa região tivesse se tornado território independente? “Isso é uma incógnita, pois parece que todos os lugares que os holandeses colonizaram não se desenvolveram tanto”, arrisou a Dra. Maria Angélica da Silva, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). “É difícil saber aqui no Brasil o que teria acontecido, como é que o Brasil teria reagido; estamos falando de populações e situações distintas. Mas é importante considerar que aqui tivemos a presença de João Maurício de Nassau, que era uma figura diferenciada, de mentalidade liberal, tolerante. Ele certamente queria fazer daqui um lugar diferente”. Graduada em Arquitetura, Mestre, Doutora e Pós-doutora em História, a pesquisadora fala com o vigor de quem, desde 1998, é fascinada pelo material iconográfico produzido pelos holandeses, tema que já ensejou muitos projetos através do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, por ela coordenado e vinculado à UFAL, que a doutora constitui com cerca de 20 outros acadêmicos da mesma instituição (www.estudosdapaisagem.com.br). Alguns estão no grupo há mais de quinze anos, permanecendo mesmo depois de inseridos no mercado profissional. Outros iniciaram a trajetória de pesquisa na graduação como bolsistas da Fapeal, chegando ao doutorado ainda contando com o suporte da Fundação.

Durante esses anos de trabalho, muito material foi amalhado em diversas viagens pelo Brasil e pela Europa, resultando num conjunto de imagens e registros escritos que já deu origem a artigos, livros e exposições no Brasil e no exterior. Nesse meio tempo, foi publicado o livro *O olhar holandês e o novo mundo* (Edufal, Maceió, 2011) e realizados eventos como o *Brasil+Holanda*,

dentre outros. A última empreitada foi o prêmio do documentário *Entre Céus* (Maceió, 2014), da arquiteta e cineasta Alice Jardim, também integrante do grupo que, além de realizar pesquisas, tem também como objetivo a socialização de seus resultados. “As vezes a gente faz tanta coisa na universidade que não é divulgada... Temos como principal ferramenta de pesquisa as viagens: conhecer para depois produzir conhecimento; antes dos livros, a experiência pessoal. Visitamos mais de 20 cidades do interior do nordeste buscando entender como era sua fisionomia antiga. O material foi comparado com os precisos registros holandeses e outras fontes de imagens. Então resolvemos fazer o vídeo mostrando como tais cidades conversam entre si e para socializar parte de todo esse material, ainda pouco divulgado no nosso Estado”, esclarece a professora, referindo-se ao belíssimo documentário de 12 minutos, que já representou Alagoas em diversos eventos no Brasil e lá fora. Para apreciação dos estrangeiros, o filme recebeu o título em inglês de *Between Lands*.

Numa época em que estamos habituados ao formato *blockbuster* de *Hollywood*, meio videoclipe, a ponderação da professora a respeito do curta-metragem alagoano é quase uma ressalva: “Buscamos fazer um documentário que fosse acessível a todos, uma das razões por que privilegiávamos mais as imagens do que as falas, embora essas também sejam importantes. O vídeo se constitui da sucessiva apresentação das imagens holandesas sobre o Brasil com narração de textos também deles, somadas às colhidas nas viagens de nosso grupo”. A Dra. Angélica completa, talvez preparando o espectador para uma experiência no mínimo inusual: “O vídeo não é didático, por assim dizer; não tem aquela lógica típica de filmes comerciais, com começo, meio e fim. Afinal, trata-se da imbricação entre trabalho científico e arte. As vezes, a narração parece não condizer com as imagens. A narrativa vai divagando, meio “solta”, bem livre, para cada um fazer seus links. Acreditamos que o conhecimento é sempre

HISTÓRIA



Integrantes do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, coordenado pela Dra. Maria Angélica da Silva. Durante anos de trabalho, muito material foi amalhado em diversas viagens pelo Brasil e pela Europa, resultando num conjunto de imagens e registros escritos que já deu origem a artigos, livros e exposições aqui e no exterior.

“preenchido” por quem está ali interagindo.” São justamente as imagens do céu, onipresentes nos retratos feitos pelos holandeses e único espaço a “unir” as duas terras, que inspiram o nome do filme. Realmente, a estratégia narrativa de *Entre Céus* é ousada e certa, pois propõe outra forma de recepção do conhecimento. Logo no início, o espectador é convidado a tentar ver as coisas que temos como cozinhas com os olhos daqueles que vieram de longe: “Ver a olho de pássaro, do alto; mas também ver o detalhe. O que ocorreu quando eles olharam outras terras, outros mares?” – provoca uma voz feminina, ao introduzir um trabalho que remete a um notório hábito dos conquistadores holandeses: “ver, classificar, modelar, descrever”, conforme revela Maria Angélica no capítulo intitulado “A conquista pela visão: mapas e pinturas” do já mencionado livro de sua autoria, em parceria com outros seis membros do grupo de pesquisa. A doutora resume: “Os holandeses sempre registraram com minúcias



“A FAPEAL foi essencial para avançar a ciência e a tecnologia aqui no estado. Quando pensamos em Alagoas, vemos tantos problemas prementes, dificuldades enormes, miséria, baixo índice de IDH... Mas isso a gente pode vencer também com a pesquisa. A universidade passaria por grandes dificuldades sem o apoio da FAPEAL: não haveria bolsas ou projetos nem os muitos auxílios hoje disponibilizados. Eu acho realmente que a criação da Fundação é um divisor de águas: podemos falar de Alagoas antes e depois da FAPEAL”.

Dra. Maria Angélica da Silva

e detalhes – em desenho e pintura – o que viram no nordeste, para eles uma terra encantadora. Encontramos, por exemplo, fauna e flora catalogadas por eles em vários livros, com nomes indígenas. Como arquitetos, estudamos História, mas buscamos não usar imagens apenas como ilustração. Daí irmos aos arquivos em Portugal e na Holanda, em busca da alta resolução, pegar o “zoom”, ver todos os detalhes e traduzir as legendas do Holandês antigo, tarefa da qual se incumbiu Nicolaas Gosse Vale, professor aposentado da UFAL e colaborador do grupo”.

O filme foi realizado entre 2013 e 2014, com filmagens nas cidades de Marechal Deodoro, Penedo e Porto Calvo – aqui em Alagoas – e nas cidades pernambucanas de Cabo de Santo Agostinho, Igarassu, Itamaracá, Olinda, Recife e Serinhaém. Lançado na Holanda em 2014, *Entre Céus* começou a fazer sucesso no mesmo ano, na *V Mostra Sururu de Cinema Alagoano*, ocasião em que recebeu 4 prêmios. Aí vieram o *26º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo* (2015), o *Ar-*

Saiba+

Costuma-se confundir o domínio holandês com a personalidade do príncipe Maurício de Nassau, militar e administrador de origem alemã, governante da região entre 1637 e 1645. Endividado depois de construir o Palácio Maurício, aceitou – em 1636 – a proposta da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais para administrar a recém-conquistada colônia holandesa no Brasil, que se estende do litoral de Sergipe ao do Maranhão. Conseguiu a simpatia dos senhores de terra ao propor financiamentos para a recuperação de engenhos e plantações de açúcar. Em sua administração, promoveu melhorias urbanas na vila do Recife e assegurou a liberdade de culto. Nassau era aquilo que hoje chamariamos de humanista, com inegável amor pelas artes e pela cultura, algo que o levou a trazer até Pernambuco cientistas e artistas como Franz Post e Eckout. Havia então espaço para a dissidência religiosa e até para a heresia, representada pelos judeus. Levados ao Recife para negociar e financiar todo tipo de atividade, ali os judeus fundaram a primeira sinagoga do continente. Essa postura marca uma diferença notável quando se recorda que, durante o domínio espanhol sobre Portugal, a Inquisição produziu perseguições em larga escala contra judeus e muçulmanos. (Fonte: Almanaque *Quem é quem na história do Brasil*, Editora Abril, 2000, pp. 22, 23 e 343).

Saiba+

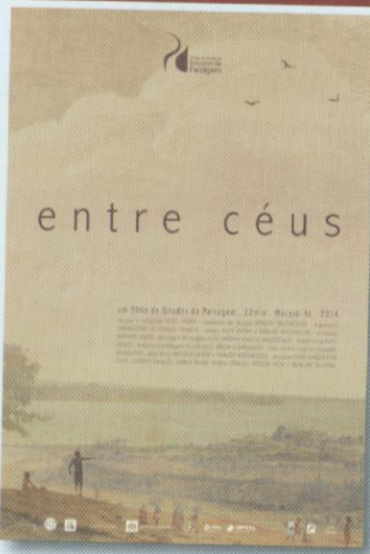
Se não foi difícil vencer militarmente os holandeses em Pernambuco, seria complicado para Portugal enfrentar um ajuste de contas na Europa, com aquela que era uma das grandes potências na época. A saída foi negociar uma indenização – a Holanda ficaria sem sua fatia do Brasil, mas receberia uma boa soma por isso. A explicação para a derrota militar de uma potência como a Holanda para tropas mal armadas e guerrilheiros caboclos, que integravam as fileiras de Felipe Camarão, Henrique Dias e João Fernandes Vieira, está na diferença de caráter entre a colonização portuguesa e a dominação holandesa. Os portugueses vieram ao Brasil para fundar uma nova sociedade: constituíram família, trouxeram usos e costumes e instituições próprias. Os holandeses encaravam o Brasil como um simples empreendimento comercial. O colapso dessa empreitada teve causas imediatas e diretas. Em primeiro lugar, os investimentos nunca deram o retorno esperado. Depois, com a produção nas Antilhas, o preço do açúcar despencou. Epopeia militar de maior relevo no período colonial, o Brasil holandês foi um fiasco econômico. (Fonte: Almanaque *Quem é quem na história do Brasil*, Editora Abril, 2000, pp. 22, 23 e 343).

quitetas *Film Festival Lisboa 3ª edição* (2015), o *7º Festival Internacional de Cinema da Fronteira* (2015), o *4º Curta Brasília* (2015) e o *Festival Internacional da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro* (2015).

Durante a conversa com a *Fapeal em Revista*, a pesquisadora fez questão de dar crédito a quem possibilitou tantos anos de conquistas: “Desde que começamos a pesquisa, desde as primeiras viagens, temos apresentado projetos para a FAPEAL e sendo contemplados nos editais. Assim, os vários

estudos que a gente fez foi com recursos da Fundação, sendo os últimos – incluindo o vídeo – através do PRONEM”. O livro *O olhar holandês e o novo mundo* teve sua publicação financiada pela FAPEAL. Já a produção do documentário *Entre Céus*, além desta Fundação, teve apoio da UFAL e da Embaixada do Reino dos Países Baixos (nome oficial da Holanda). A professora Maria Angélica conclui: “Temos projetos aprovados pelo CNPq, pela Petrobras, pelo IPHAN e outros. Mas é a FAPEAL que está no nosso dia a dia”.

O documentário



No curta-metragem *Entre Céus*, a cineasta alagoana por vezes imita, com sua lente, os registros pitorescos realizados por quem dispunha – há 400 anos – apenas da pintura e da escrita como “tecnologias” para representação da realidade. Muito mais que um deleite para os olhos, faz-se ali uma graciosa “animação” das históricas telas holandesas. Ao final dos inspiradores 12 minutos, tempo no qual são “compartilhadas” as prováveis emoções de Nassau e de seus companheiros ao avistarem esse “mundo novo”, parece não ser apropriado dizer que se viu um filme, mas sim que se sentiu parte de uma história. Manoel Bernardino, professor de Direito da Faculdade CESMAC do Agreste, a convite da *Fapeal em Revista*, faz uma análise mais “acadêmica” do trabalho: “A narrativa do século XVII protagoniza o primoroso documentário de Alice Jardim. O Brasil textualmente resgatado dos tempos batávicos contrasta com as imagens singelas do cotidiano contemporâneo. *Entre Céus* é um exercício genealógico que permite compreender, ao assumir a posição do outro, a nossa própria identidade cultural.” Como o filme ainda estava participando de festivais por ocasião do fechamento desta edição, ainda não era aventada sua disponibilização no *Youtube*. Entretanto, para vê-lo, basta acessar www.estudosdapaisagem.com.br/betweenlands e utilizar a senha *dutchbrazil*.